

CARLO GINZBURG

OS ANDARILHOS DO BEM

*Feitiçaria e cultos agrários
nos séculos XVI e XVII*

Tradução
Jônatas Batista Neto



Copyright © 1966 by Giulio Einaudi Editore S.P.A., Torino

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

I benandanti: stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Mário Vilela

Revisão

Juliane Kaori

Renato Potenza Rodrigues

Índice onomástico

Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ginzburg, Carlo

Os andarilhos do bem : feitiçaria e cultos agrários nos séculos
XVI e XVII / Carlo Ginzburg ; tradução Jônatas Batista Neto. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: I benandanti: stregoneria e culti agrari tra
cinquecento e seicento.

ISBN 978-85-359-1749-9

1. Feitiçaria 2. Feitiçaria — História i. Título.

10-09438

CDD-133.4309

Índice para catálogo sistemático:

1. Feitiçaria : História : Ocultismo 133.4309

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 7

Pós-escrito de 1972 15

OS ANDARILHOS DO BEM

I. As batalhas noturnas 18

II. As procissões dos mortos 57

III. Os *benandanti* entre inquisidores e bruxas 102

IV. Os *benandanti* no sabá 138

Apêndice: Processo contra Paolo Gasparutto e

Battista Moduco (1575-1581) 197

Notas 239

Índice onomástico 275

Sobre o autor 283

PÓS-ESCRITO DE 1972

Nos últimos sete anos, muito se escreveu sobre feitiçaria (e não somente na onda da moda neo-ocultista). Apareceram estudos tanto gerais quanto específicos, frequentemente úteis ou estimulantes (bastará recordar o ensaio de H. Trevor-Roper, a pesquisa de R. Mandrou etc.). Levá-los em conta exigiria uma reelaboração mais ou menos profunda destes *Benandanti*. Decidi, ao contrário, republicar o livro sem variações, limitando-me a corrigir alguns erros materiais (dentre os que me chamaram a atenção para os mesmos, agradeço particularmente a Augusto Campana) e a inserir algum esporádico acréscimo. Isso não significa que eu não veja, hoje, os limites do livro. Em primeiro lugar, o fato (corretamente observado por alguns resenhistas) de ter dado insuficiente atenção aos inquisidores e à sua atitude em face da feitiçaria. O interesse que me orientava para tais pesquisas, definido pela leitura das notas de Gramsci sobre o folclore e a história das classes subalternas, dos trabalhos de De Martino, bem como das pesquisas de Bloch sobre a mentalidade medieval, explica em parte — embora não justifique — essa lacuna. O que me interessava eram, sobretudo, as feiticeiras (ou os *benandanti*), suas crenças, suas atitudes, ao passo que a análise da maioria dos estudiosos se havia orientado quase exclusivamente para os inquisidores e os demonólogos. (Trata-se de um quadro que as pesquisas mais recentes começam, de modo muito lento, a modificar.) Esse interesse determinou um desequilíbrio na pesquisa, que o leitor perceberá facilmente.

Mas o que hoje me deixa mais descontente é o prefácio — ou melhor, o primeiro parágrafo do prefácio. Hoje não repetiria mais a ingênuo contraposição entre “mentalidade coletiva” e “atitudes individuais”. É claro que este livro também é, a seu modo, um estudo sobre a mentalidade “coletiva” (no sentido de

não meramente individual). Mas havia algo que me induzia a recusar esse termo — mesmo tendo bem presente o meu débito para com Lucien Febvre e o filão de pesquisas que ele propusera e, sob certos aspectos, inaugurara. A crítica que me foi dirigida por um resenhador (segundo a qual eu deveria ter levado mais em conta, para além dos contrastes e das incompreensões entre *benandanti* e inquisidores, “a substancial solidariedade dos respectivos [...] contatos com o sobrenatural”) ajudou-me a formular mais precisamente essa recusa. Insistindo nos elementos *comuns, homogêneos*, da mentalidade de um certo período, somos inevitavelmente induzidos a negligenciar as divergências e os contrastes entre as mentalidades das várias classes, dos vários grupos sociais, mergulhando tudo numa “mentalidade coletiva” indiferenciada e interclassista. Desse modo, a homogeneidade — de resto sempre parcial — da cultura de uma determinada sociedade é vista como ponto de partida e não como ponto de chegada de um processo intimamente coercitivo e, enquanto tal, *violento* (a história dos *benandanti* é, desse ponto de vista, exemplar). Mas pretendo voltar a esses problemas, de modo mais amplo, numa pesquisa sobre outros aspectos da cultura popular do século XVI.

C. G.

Bolonha, outubro de 1972

C'est l'auberge fameuse inscrite sur le livre,
Où l'on pourra manger, et dormir, et s'asseoir.
Baudelaire, *La mort des pauvres*

É o albergue afamado inscrito no livro,
Onde se poderá comer, dormir e sentar.
Baudelaire, *A morte dos pobres*

I. AS BATALHAS NOTURNAS

1. No dia 21 de março de 1575, no convento de San Francesco di Cividale do Friul, diante do vigário-geral, Monsenhor Jacopo Maracco, e de frei Giulio d'Assisi, da ordem dos menores conventuais, inquisidor das dioceses de Aquileia e Concordia, comparece, na qualidade de testemunha, dom Bartolomeo Sgabirizza, pároco de uma aldeia vizinha, Brazzano.¹ Ele faz referência a um estranho fato que lhe acontecera uma semana antes. De um moleiro de Brazzano, Pietro Rotaro, cujo filho está morrendo de um mal misterioso, Sgabirizza soube que numa aldeia próxima, Iassico, vive um certo Paolo Gasparutto, que cura os enfeitiçados e afirma “vagabundear à noite com feiticeiros e duendes”.² Intrigado, o padre fá-lo chamar. Gasparutto, após ter declarado ao pai do menino enfermo que “a criança tinha sido vítima de um malefício das bruxas, mas que, no momento do feitiço, chegaram os vagabundos e arrancaram-na das mãos das bruxas e que, se não lhes tivessem retirado das mãos, ela teria morrido”, confiou-lhe um encantamento destinado a curá-lo. Em seguida, acossado pelas perguntas de Sgabirizza, contou que, “na quinta-feira de cada um dos Quatro Tempos do ano, eles deviam andar junto com esses feiticeiros por diversos campos, como em Cormons, diante da igreja de Iassico, e até pelo campo de Verona”, onde “combatiam, brincavam, pulavam e cavalgavam diversos animais e faziam diversas coisas entre si; e [...] as mulheres batiam com caules de sorgo nos homens que estavam com elas, os quais só carregavam nas mãos ramos de erva-doce”.³

Desconcertado com esses estranhos discursos, o bom pároco foi imediatamente a Cividale para conversar com o inquisidor e o vigário patriarcal e, tendo encontrado novamente Gasparutto, conduziu-o ao convento de San Francesco. Na presença

do padre-inquisidor, Gasparutto confirmou, sem qualquer hesitação, o seu relato, fornecendo novos pormenores sobre os misteriosos encontros noturnos (“ [...] quando as bruxas, bruxos e vagabundos voltam desses jogos, acalorados e cansados, se, ao passarem pelas casas, encontram água clara e límpida nos baldes, bebem-na; caso contrário, vão à adega e estragam o vinho”; por isso, aconselha Gasparutto, dirigindo-se a Sgabarizza, convém sempre ter em casa água limpa). E, diante da incredulidade do padre, Gasparutto se ofereceu para levá-lo a assistir, juntamente com o padre-inquisidor, às misteriosas reuniões; haveria duas antes da Páscoa, e, “se fizessem a promessa de ir, teriam de ir depois, forçosamente”. Finalmente, afirmou que outros participantes desses encontros viviam em Brazzano, Iassico, Cormons, Gorizia e Cividale; mas os seus nomes não podiam ser revelados porque, “por ter falado dessas coisas [...], tinha sido espancado pelos citados feiticeiros”. Procurando um pouco confusamente extrair um sentido das narrativas de Paolo, Sgabarizza conclui que existem, ao que parece, feiticeiros, como o próprio Gasparutto, “que são bons, são chamados vagabundos e, na sua linguagem, *benandanti*”, os quais “impedem o mal”, enquanto outros feiticeiros “fazem-no”.⁴

Passam-se alguns dias. A 7 de abril, o pároco de Brazzano se apresenta de novo ao Santo Ofício, declarando ter ido a Iassico, na segunda-feira após a Páscoa, para rezar missa, e ter encontrado Gasparutto. Após a missa, de acordo com o costume, o pároco tinha participado de uma refeição preparada em sua homenagem. “Enquanto comia” — diz Sgabarizza — “falava de coisas convenientes àquele momento, isto é, de evitar o pecado e perseverar nas obras boas e santas”; mas Gasparutto, presente à cerimônia na qualidade de “comissário” (devia ser de condição abastada; em outro lugar encontra-se uma provável alusão aos seus criados⁵), o havia interrompido para narrar-lhe as proezas realizadas, com a habitual companhia, na noite precedente (“tinham atravessado de barco certas águas profundas e, [...] no rio Iudri,⁶ um companheiro seu teve muito medo porque soprava um forte siroco e havia ondas altas, o que o fez ficar

atrás dos outros [...]; e [...] tinham estado num campo não muito distante onde se haviam entregue aos seus combates e divertimentos habituais"). O padre não conseguiu controlar a sua curiosidade: “levei-o à minha casa e lhe fiz gentilezas para arrancar-lhe mais detalhes”; mas sem resultado.⁷

O conteúdo desses depoimentos de Sgabarizza foi confirmado por Pietro Rotaro, pai do menino tratado (inutilmente) por Paolo Gasparutto. Suspeitando que o garoto tivesse sido enfeitiçado, ele recorrera a Paolo, porque este “tem fama de andar com os citados feiticeiros e fazer parte dos *benandanti*”.⁸ A ele Gasparutto falou longamente dos encontros noturnos (“vão ora a um campo, ora a outro, ora ao de Gradisca, ora até ao de Verona, e reúnem-se para combates e divertimentos; e [...] os homens e mulheres que fazem o mal carregam e usam caules de sorgo que nascem nas hortas, e os homens e mulheres *benandanti* usam caules de erva-doce; e [...] vão ora um dia, ora outro, mas sempre na quinta-feira; e [...] quando fazem as grandes exibições vão para os grandes campos, havendo dias fixos para isso; e [...] os feiticeiros e feiticeiras, quando partem, vão fazer o mal, e é preciso que sejam seguidos pelos *benandanti* para impedi-los; e, quando entram nas casas, se não encontram água limpa nos baldes, vão às adegas e estragam o vinho com certas coisas que enfiam pelas aberturas dos recipientes [...]”⁹, acrescentando, a pedido dos juízes, detalhes sobre o modo pelo qual Paolo afirma comparecer às reuniões, ou seja, como vemos mais adiante, “em espírito” e cavalgando vários animais, como lebres, gatos etc. Rotaro acrescenta ter ouvido dizer que em Cividale também há um desses “feiticeiros” — um pregoeiro público, Battista Moduco, que, conversando na praça, afirmou ser *benandanti* e costumar sair à noite, “especialmente na quinta-feira”. Convoca-se então para testemunhar Troiano de’ Attimis, nobre de Cividale. Este confirma ter sabido pelo cunhado, numa conversa na praça, que “em Brazzano havia esses feiticeiros e que também em Cividale, não muito longe de nós, havia um”; então Troiano, percebendo ali perto Battista Moduco, lhe perguntara: “Tu fazes parte ainda daque-

le grupo de feiticeiros?’ Ele me disse que era *benandante* e que, de noite, de preferência na quinta-feira, sai com os outros, os quais se reúnem em certos lugares para fazer festa, dançar, comer e beber; e que, quando retornam, os *maliandanti** desce-
ndo às adegas, bebem e depois urinam nos tonéis; e que, se não viessem depois os *benandanti*, o vinho se azedaria; e outros gracejos idênticos, nos quais não creio, e por isso parei de interrogá-lo”.¹⁰

Maracco e o inquisidor Giulio d’Assisi acabaram por concordar com a desdenhosa conclusão do nobre de Cividale: brin-
cadeiras, só isso. Com esse depoimento, de fato, os interrogató-
rios suscitados pelas confidências de Gasparutto se interrompem.
Recomeçarão mais de cinco anos depois, por iniciativa, como
veremos, de um outro inquisidor.

2. Embora vagos e indiretos, esses testemunhos já permitem afirmar, com segurança, a existência na região de Cividale, entre meados e o final do século XVI, de um complexo de cren-
ças (não restritas a uma esfera individual, privada) não testemu-
nhadas em parte alguma, estranhamente misturadas a tradições bem conhecidas. Se, com efeito, as bruxas e os feiticeiros que se encontram na noite da quinta-feira para entregarem-se a “saltos”, “divertimentos”, “festas” e banquetes evocam imediatamente a imagem do sabá — o sabá que os demonólogos haviam descrito e codificado minuciosamente, e os inquisidores perseguido, pelo menos a partir de meados do século XV¹¹ —, não obstante existem, entre as reuniões descritas pelos *benan-
danti* e a imagem tradicional e divulgada do sabá diabólico, diferenças evidentes. Nessas assembleias, ao que parece, não se presta homenagem ao diabo (a cuja presença, aliás, nem mesmo se faz referência), não se renega a fé, não se pisoteia a cruz, não se insultam os sacramentos.¹² No centro delas há um rito

* “Andarilhos do mal”, em oposição aos *benandanti*, “andarilhos do bem”.
(N. T.)